AS INICIATIVAS MUSEOLÓGICAS DE BASE COMUNITÁRIA NA ZONA OESTE DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: UM PERCURSO DE PESQUISAS E INTERPRETAÇÕES[1]

Diogo da Silva Cardoso[2]

Luiz Vaz[3]

Resumo

A proposta deste texto é levantar questões que afetam, incomodam ou mesmo, em alguns casos, atormentam os agentes culturais residentes ou simpatizantes da periferia da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Essa periferia engloba as regiões de Realengo a Santa Cruz, formando um imenso território cujo legado cultural encontra-se à deriva, sem uma política pública oficial que integre e fomente as frágeis iniciativas locais que tentam, cada um à sua maneira, reconstruir o imaginário local e realizar projetos de autoafirmação e auto empoderamento. Essa angústia consiste na impotência pessoal e a desconexão da população em geral com a memória e o patrimônio locais, criando um abismo entre as experiências do passado e a configuração espacial presente. Um presente territorial desencarnado dos moradores antigos e das edificações e artefatos que, sob um ponto de vista patrimonial, são os diferenciais que embelezam a cena urbana local, enobrecem as relações comunitárias e fortalecem a identidade do lugar. A abordagem textual proposta aqui é a que relaciona as experiências individuais dos autores com o contexto territorial e as agências culturais em tela, buscando ver suas simbioses e contradições. A metodologia é qualitativa, com uma forma de escrita que privilegie os deslocamentos afetivos e agenciais, o caráter difuso do *milieu* pesquisado, as sensações genéricas que permearam nossa formação e atuação locais, tentando conciliar arte e ciência por meio de uma narrativa engajada e, do ponto de vista estético, aleatória.

Palavras-chave: Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, museologia de base comunitária, patrimônio cultural, políticas públicas, identidade de lugar.

Abstract

The proposal of this text is to raise issues that affect, disturb or even, in some cases, torment the cultural agents resident or sympathizers of the outskirts of the West Zone of the city of Rio de Janeiro. This periphery encompasses the regions of Realengo and Santa Cruz, forming an immense territory whose cultural legacy is adrift, without an official public policy that integrates and foments the fragile local initiatives that try, each in its own way, to reconstruct the local imaginary and carry out projects of self-affirmation and self-empowerment. This anguish consists in the personal impotence and disconnection of the general population from

[1] Uma primeira versão deste texto foi apresentada no II Workshop Internacional Arte e Ciência (UFRJ), entre os dias 20 e 23 de agosto de 2018. O artigo revisado, ampliado e teve o escopo levemente alterado para atender às especificidades desta publicação.

[2] Geógrafo, etnógrafo e gestor cultural. Doutor em Geografia pela UFRJ. Realiza estágio pós-doutoral no PPGG/UFRJ (PNPD/Capes) sob a supervisão do Prof. Dr. Scott William Hoefle. E-mail: diogo_georeg@yahoo.com.br

[3] Artista plástico, arte-educador, teatrólogo e agitador cultural. Mestrando em Memória e Acervos pela FCRB. Gestor da Casa da Rua do Amor e do Museu de Artes Lúdicas (Santa Cruz, RJ). E-mail: luizvazteatro@hotmail.com

local memory and heritage, creating an abyss between the experiences of the past and the present spatial configuration. A disembodied territorial present of the ancient residents and the buildings and artifacts that, from a heritage point of view, are the distinctive that embellish the local urban scene, ennobling the community relations and reinvigorate the identity of place. In the West Zone of Rio de Janeiro, many cultural and economic expressions of the economy were born here. However, being today a region with little representation in all spheres, the solutions found in the cultural sphere, and one of them is community-based museology, is an alert and a laconic but direct and convincing answer to the disabilities, dilemmas, challenges and challenges faced locally by cultural agents. These problems are generated both internally and externally.

Keywords: West Zone of the city of Rio de Janeiro, community-based museology, cultural heritage, public policy, place identity.

Introdução

Este texto foi elaborado a partir de uma abordagem exploratória, pincelada com dados etnográficos e de fontes virtuais. A finalidade não é esgotar o assunto, tampouco criar uma espécie de marco conceitual para a região em tela. Por essa razão, optamos por uma escrita ensaística, sem limites precisos, aportada na nossa realidade simultânea como pesquisadores e moradores locais. O tom de ensaio crítico-reflexivo serve como um antídoto contra o pragmatismo da Geografia Urbana e o fetichismo dos métodos produtivistas que embasam a atual corrente da Economia Criativa. No centro da nossa preocupação, está algo mais amplo, relacionado aos modos de existência e de representação do território. São duas as questões cruciais:

1- Reconstrução das identidades culturais locais e do imaginário e paisagem atrelados aos aspectos vernaculares, fortalecendo a imagem do território;
2- Proposição de práticas de desenvolvimento local ancoradas na endogeneização das iniciativas e no uso estratégico e sustentável do patrimônio cultural e ambiental local para agregar valor aos arranjos produtivos e processos culturais.

A reelaboração do sentido de lugar de cada espaço cujo patrimônio material e imaterial ainda jaz vívido deve ser a proposta daqueles que trabalham em prol do resgate e do fortalecimento de uma identidade cultural local, e veem o papel simbólico e econômico que estes podem cumprir nos processos de desenvolvimento local (POLLICE, 2010). Os bairros são a síntese contraditória, o fio tenso da busca pelo vernáculo, ou seja, dos motivos eco-tecno-simbólicos locais (BERQUE, 2012) que singulariza o lugar e cria um sentimento de pertencimento e enraizamento partilhado entre moradores, amigos e simpatizantes. Essa é

uma demanda tão forte que não é raro encontrar "associações de amigos" de um patrimônio "ameaçado" (Associação de Amigos da Zona Oeste, Associação de Amigos do Sítio Roberto Burle Marx, Associação dos Amigos da APA das Brisas).

Alguns bairros da periferia da Zona Oeste conseguiram manter a sua paisagem vernacular, ainda que alguns bens materiais estejam num estado de conservação deplorável. É o caso do Complexo Cultural do Matadouro de Santa Cruz, cujo único prédio em bom estado é o da antiga sede administrativa do Matadouro Público, hoje Centro Cultural Municipal de Santa Cruz e abrigo do incansável Noph (Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica). Seja com os membros do Noph ou demais moradores conscientes, todos expressam ansiedade e temor com relação à preservação do patrimônio cultural em Santa Cruz, sobretudo os bens listados pela APAC[4].

Com as mudanças abruptas no subúrbio carioca desde o último quartel do século passado, a Zona Oeste conseguiu se firmar no cenário carioca através da criação de outras vocações e dinâmicas espaciais. Essa nova realidade territorial e imaginária contrasta com o fato de que, há poucas décadas, a região era, de fato, ainda, uma zona rural. O *sertão* da cidade carioca. Há de se pensar nas implicações desse processo nas memórias, nas percepções, nas identidades e nas relações como um todo dos moradores locais com essa nova cidade que habitam. Desde o período colonial, o Rio de Janeiro concentrou sua capitalidade (SILVA & VERSIANI, 2015) e luminosidade (SANTOS, 2001) numa região que não engloba essa vasta área (45%, aproximadamente) hoje identificada como "periferia" da Zona Oeste.

O sentido de lugar na redefinição do Oeste Metropolitano Carioca

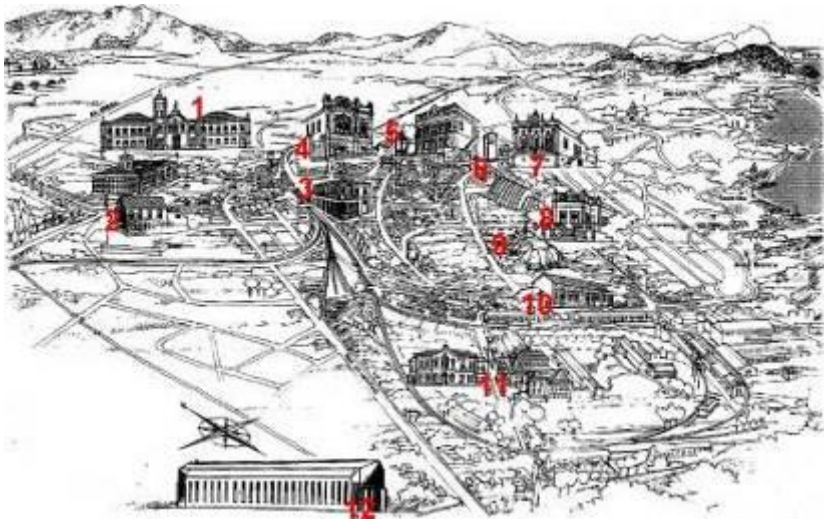
A reelaboração do sentido de lugar em cada espaço cujo patrimônio material e imaterial ainda jaz vívido, como um elemento importante da identidade cultural local. Os bairros são a síntese contraditória, o fio tenso da busca pelo vernáculo, ou seja, dos motivos eco-tecno-simbólicos locais (BERQUE, 2012) que singulariza o lugar e cria um sentimento de pertencimento e enraizamento partilhado entre moradores, amigos e simpatizantes. Essa é uma demanda tão forte que não é raro encontrar "associações de amigos" de um patrimônio "ameaçado" (Associação de Amigos da Zona Oeste, Associação de Amigos do Sítio Roberto Burle Marx, Associação dos Amigos da APA das Brisas).

[4] Consultar o decreto da APAC Santa Cruz em: <https://goo.gl/v1oBRE >. Acesso em: 10 abr. 2017.

Alguns bairros da periferia da Zona Oeste conseguiram manter a sua paisagem vernacular, ainda que a conservação de alguns bens materiais esteja num estágio deplorável. É o caso do Complexo Cultural do Matadouro de Santa Cruz, cujo único prédio em bom estado é o da antiga sede administrativa do Matadouro Público, hoje Centro Cultural Municipal de Santa Cruz e abrigo do incansável Noph (Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica). Seja com os membros do Noph ou demais moradores conscientes, todos expressam ansiedade e temor com relação à preservação do patrimônio cultural em Santa Cruz, sobretudo os bens listados pela APAC[5].

Na década de 1990, o designer Oswaldo Lioi fez um belo mapa dos bens patrimoniais de Santa Cruz. Naquele período, tal ilustração foi relevante para destacar que os bens locais podem ser vistos de forma sistêmica e integrada, isto é, como um conjunto arquitetônico territorial que não se encontra "à parte" da cidade e do bairro, pelo contrário, para a sua preservação, tem de estar incluído em dois processos: 1) no desenvolvimento econômico local; 2) na memória e no imaginário dos moradores locais e de bairros vizinhos, promovendo a sua valorização enquanto testemunhos materiais de uma história que une localidades, empreendimentos, culturas e cotidianos. Recentemente, tentei realçar isso através de projetos culturais de resgate da história da Fazenda de Santa Cruz.

Imagem 1 – Ilustração de Oswaldo Lioi do patrimônio histórico do bairro de Santa Cruz.



Fonte: arquivo pessoal.

Atualmente, com uma parcela desses bens em estágio avançado de deterioração material e degradação social (exceto os que estão localizados em áreas militares!), o

[5] Ver o decreto da APAC Santa Cruz em: <https://goo.gl/v1oBRE>. Acesso em: 10 abr. 2017.

inventário de Oswaldo Lioi perdeu sentido tanto cultural como político no cotidiano dos moradores locais e no imaginário carioca. Um patrimônio extirpado da memória e identidade histórica da cidade, tornando a população carioca insensível a esse legado. Deve-se levar em conta a precariedade do pensamento "paisageiro" (ECKERT, 2008) dos moradores e simpatizantes do lugar, o que impede a construção de um ambiente cultural favorável para a valorização e apropriação desses e de outros bens culturais da região de Santa Cruz. Uma relação simbiótica com as geografias pretéritas que, infelizmente, se esfacela diante da negligência do Poder público, da coação anti-preservacionista dos agentes econômicos[6] e do enfraquecimento das relações comunitárias e topofílicas.

O Ecomuseu Comunitário de Santa Cruz, iniciativa gerida pelo Noph[7], surgiu da atitude visionária da museóloga Odalice Priosti em traduzir, pela memória e ações museológicas convencionais, o anseio de um grupo intelectual local que, diante da política cultural excludente do Poder público e dos agentes culturais hegemônicos. Tenta-se desenvolver ações de educação patrimonial e das diversas artes para manter viva a identidade histórica e cultural do bairro. A ênfase recai sobre as áreas de interesse cultural que fazem parte do legado da enigmática Fazenda de Santa Cruz (Quarteirão Cultural do Matadouro, edifício sede da Fazenda de Santa Cruz [atual Batalhão Escola de Engenharia], Ponte dos Jesuítas).

Imagem 2 – Exposição do patrimônio material de Santa Cruz: um dos focos do agenciamento cultural do Noph/Ecomuseu.



[6] Link para o vídeo na qual a APAC Santa Cruz é apontada como a razão do entrave do desenvolvimento socioeconômico do bairro: <https://goo.gl/CsBuQj>. Acesso em: 14 abr. 2017.
[7] Ver: <https://goo.gl/dpu8Mk>. Acesso em: 17 abr. 2018.

Fonte: https://goo.gl/YTjYww

Resta saber se na política de afirmação que promovem, o espaço estratégico para se trabalhar o imaginário da população local e fluminense como um todo seria não só o bairro, mas a área cujo legado patrimonial da Fazenda de Santa Cruz ainda se faz presente. O recorte espacial aumenta consideravelmente[8], englobando os municípios vizinhos de Seropédica, Itaguaí, Paracambi mais alguns municípios do Vale do Paraíba[9].

Uma nova ilustração, uma cartografia emergente dos agenciamentos culturais da Zona Oeste carioca.

Se em meados da década de 1930, o jornalista e ilustrador do Correio da Manhã, Magalhães Correa surpreendeu a todos com a sua série de artigos sobre o Sertão Carioca (1936 apud FRANCO; DRUMOND, 2005), com a presença de onças, artefatos e técnicas indígenas para o manuseio da farinha, lagoas e cachoeiras ainda virgens na paisagem carioca. Tudo isso no mesmo território administrativo em era coroada e exibida nos cinemas do mundo, a "Princesinha do Mar" personagem símbolo da Política de Boa Vizinhança que buscava afastar as ameaças vindas da Europa e depois da União Soviética, sobre hegemonia econômica e militar dos EUA com relação aos seus vizinhos do hemisfério ocidental. Um sertão nas bordas da metrópole, ou ainda, como um dos autores deste texto defendeu em sua pesquisa doutoral: um sertão metropolitanizado (CARDOSO, 2015), com todos os problemas e potencialidades inerentes a essa região geográfica.

A surpresa não será menor, para uma boa parcela da população da própria cidade, que desconhece a região, diante da informação de que nos tempos atuais essa grande área de uma "cidade dual, cidade dividida" (MOLLENKOPF & CASTELLS, 1992), ostenta uma cartografia de espaços de arte, cultura e memória que configuram uma nova rota de museologia na cidade, vista na perspectiva da sociomuseologia ou museologia social como descrita na Declaração MINOM Rio 2013, resultante da XV Conferência Internacional do MINOM. Sobre a força dessas investidas inventivas periféricas de centros comunitários e

[8] Mapa que tenta reconstituir didaticamente (até o momento, não se conseguiu definir com precisão cartesiana todos os limites originais, por falta de alguns dados) os limites da Fazenda de Santa Cruz desde o período jesuítico (séculos XVI a XVIII): <https://goo.gl/WT7A5x>. Acesso em: 2 fev. 2018.

[9] O Incra-RJ tem um documento rara em seu acervo do projeto FNSC: um memorial descritivo dos marcos físicos colocados pelos jesuítas (século XVIII) ou funcionários do Império (século XIX) que levaram à demarcação precisadesta propriedade, corroborando a sua vasta extensão territorial até o início do século XX. Link: <https://goo.gl/YDjC8R>. Acesso em: 2 fev. 2018.

coletivos de irradiação cultural, o professor Jorge Luís Barbosa chamou de "Virada Territorial", e o que a pesquisadora e gestora de política pública de cultura Lia Baron tratou da seguinte maneira:

> [...] Tornava-se cada vez mais flagrante um processo de complexificação do panorama de produção cultural carioca: agentes, projetos e ações que ainda não participavam do quadro de fomento público redesenhavam a carta cultural da cidade de fora para dentro, das margens para o centro. A partir de iniciativas engendradas desde as bordas da cidade, criavam-se novos circuitos, cenas e rotas. Eles estendiam-se uns sobre os outros, desdobravam-se, contaminavam-se, formavam redes e revezavam seus lugares, de modo que o antigo e estável mapa cultural do Rio via-se posto sob suspeita. [...] Lançando mão do termo proposto pelo professor e pesquisador Jorge Luiz Barbosa a respeito da consolidação da cena cultural de periferia, eu diria que era o momento (talvez já tardio) de a administração municipal passar a acompanhar a "virada territorial" já deflagrada no panorama de produção da cidade (BARON, 2016).

Haja vista que essa enorme região, por tantas décadas desprestigiada, sofreu um profundo des-adensamento da sua vida cultural. Consequentemente, perde-se a continuidade histórica e imaginária com o Sertão carioca/zona rural, resvalando na atual crise de memória e referências acerca da região. O laço topofílico (TUAN, 1980), isto é, o afeto e amor por um lugar, algo tão imprescindível para o empoderamento e estabelecimento destes, acaba se transformando no "Calcanhar de Aquiles" da Zona Oeste, fragilizada em sua identidade cultural e com uma prática, há muito tempo generalizada, de esquecimento e silenciamento do seu legado histórico, patrimonial, artístico e das pessoas que ali viveram. Uma breve análise de textos nos coloca em dúvida se esse processo transcorreu de forma natural, espontânea e autêntica, ou houve uma política sistemática para acirrar os conflitos e cerrar fileiras em todos os segmentos sociais.

Do seu pioneirismo histórico no país, desde a chegada dos primeiros portugueses ao território que hoje é a cidade do Rio de Janeiro, passando pelas tentativas de invasões de franceses por Guaratiba, pela ostentação da "Jóia da Corôa" (Fazenda Real depois Imperial), pela poderosa frente agrícola da laranja em Campo Grande e a moda nacional ditada pela Fábrica de Tecidos Bangu, entre outras latências da vida econômica, cultural e comunitária da região. Tendo um período de mais de vinte anos, iniciado um pouco antes da conhecida Década Perdida (os anos 1980) até os primeiros anos do século XXI, quando começa a esboçar uma reação.

Uma pesquisa do Programa de Pós-graduação em Memória e Acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa está sendo realizada sob a influência de um dos autores deste texto (Luiz

Vaz). Conta com o estudo de cinco dos espaços aqui em pauta, são eles: Espaço Cultural Raízes de Gericinó[10] e o seu Museu Casa do Bumba Meu Boi (Bangu); Fábrica de Atores Sociais e o seu Museu Estúdio de Artes Cênicas (Campo Grande)[11]; Centro de Artes e Cultura Casa da Rua do Amor e o seu Museu Oficina de Artes Lúdicas[12] (Santa Cruz); Espaço Mulheres de Pedra[13] (Pedra de Guaratiba); e o Espaço Cultural Na Era do Rádio (Sepetiba)[14].

Imagem 3 – Com forte apelo cênico e teatral, a Fábrica de Atores Sociais do Instituto Cohen (Campo Grande) produz espetáculos que não lidam com temáticas de cunho histórico-local, mas enfatizam a valorização dos jovens e o seu pertencimento local.



Fonte: https://goo.gl/AEh2uD

Implantados de maneira autônoma, por empenho comunitário, e inicialmente sem apoio governamental, um deles fora iniciado anos atrás por meio de um programa de responsabilidade social de uma empresa local (Valesul, comprada há alguns anos pelo grupo Metalis) e que passou a ter a sua gestão assumida pela comunidade local, mormente por artistas dos campos do teatro e das artes plásticas. Durante os anos 2000, esses espaços

[10] Espaço Cultural Raízes de Gericinó é um Centro Cultural Comunitário, fundado por uma família maranhense, localizado no bairro do Gericinó, Rio de janeiro, desde 2011. Link: <https://goo.gl/ayFFBQ>. Acesso em: 8 mai. 2018.
[11] Fábrica de Atores Sociais é uma escola livre de artes cênicas pertencente ao Instituto Cohen, localizada no bairro Campo Grande, desde 2002. Link: <https://goo.gl/RgHxF3>. Acesso em: 8 mai. 2018.
[12]Casa da Rua do Amor é um centro comunitário de artes e de produção cultural localizado no sub-bairro do Saquaçu, em Santa Cruz. Criado por arte-educadores e, inicialmente, financiado por uma indústria local (Valesul e Metalis). Sua gestão passou para a comunidade, sendo hoje calcada em instrumentos de gestão participativa e numa tecnologia colaborativa. Link: <https://goo.gl/1kpBPM>. Acesso em: 8 mai. 2018.
[13] Coletivo Mulheres de Pedra, localizado no bairro da Pedra de Guaratiba, formado inicialmente por Artistas Plásticos residentes na região, introduz saraus de poesias e desenvolve uma temática étnica e de gênero assumindo-se como um coletivo de mulheres negras. Link: <https://goo.gl/S51PUU>. Acesso em: 8 mai. 2018.
[14] Espaço Cultural Na Era do Rádio, localizado no bairro de Sepetiba, formado pela família da cantora Emilinha Borba, que é moradora desse bairro, oferece principalmente oficinas de artes para jovens e projetos de protagonismo juvenil. Link: <https://goo.gl/542D2s>. Acesso em: 8 mai. 2018.

passaram a desenvolver iniciativas e processos museais de caráter comunitário, endógeno, sendo visto por Diogo Cardoso (2015) e outros como uma reação ora espontânea ora politicamente organizada e articulada nas redes de poder do setor cultural, ao quadro de esvaziamento da vida sociocultural que cercou essa região e que pode ser analisado pela lente da gênese da segregação socioespacial, fenômeno que provocou fluxos de distintas ordens e impactos econômicos e simbólicos.

Imagem 4 – Casa da Rua do Amor, localizada na comunidade Saquaçu, Santa Cruz. Os três líderes responsáveis pela renovação recente da gestão do espaço.



Fonte: https://goo.gl/sCKYGZ

Nessa conjuntura, o setor público oscila ora entre momentos de investimentos que apontam para um avanço no desenvolvimento sociocultural da região, ora em um incômodo silêncio e negligência que, de fato, gera a apatia e os revanchismos políticos que refletem, diretamente, as relações de poder e dependência hoje vistas no setor cultural carioca – incluindo as relações entre as organizações sociais (OSCs) e destas com o Poder público.

A despeito da importância da Fazenda de Santa Cruz desde o período Colonial, ao longo do século XX o desenvolvimento urbano e as políticas públicas na cidade do Rio de Janeiro concentraram-se, histórica e geograficamente, no eixo Centro-Zona Sul. Essa é a região mais opulenta, dotada de enorme prestígio turístico e influência política, sendo até os dias atuais a "menina dos olhos" dos entes públicos (turismo, cultura, segurança pública) e objeto de investimentos econômicos e afetivos por parte dos setores privados dominantes. A tarefa de ressignificar a Zona Oeste, bem como o simbolismo espacial embutidos nos topônimos Sertão Carioca e da Fazenda de Santa Cruz, consiste em reconciliar a memória e o imaginário social com o patrimônio que resiste às intempéries do tempo e do descaso da

população e dos órgãos competentes. Reestabelecer o elo topofílico (TUAN, 1980) das pessoas com o lugar em que vivem, dado que a paisagem cultural atual desperta pouco ou nenhum afeto, estima, orgulho, senso de pertencimento[15].

A esfera simbólica é essencial para ativar processos culturais que intervenham de forma positiva e criativa na paisagem e patrimônio locais remanescentes, de modo a instituir novos sentidos de lugar que, na contramão do discurso progressista e modernizante, não negue o passado, mas ao contrário, potencialize as iniciativas locais de fundo museológico e vernacular. Não se pode ignorar o papel magnetizador que um museu pode exercer numa localidade, sendo a porta de entrada para investimentos culturais e para o estabelecimento de um território cujas singularidades sejam expressas e representadas através da memória e seus processos instituístes[16].

Considerações finais

A Zona Oeste carioca é berço de muitas expressões culturais e econômicas da economia carioca e fluminense, todavia, sendo hoje uma região com pouca representatividade em todas as esferas, as soluções encontradas no âmbito cultural, e uma delas é a museologia de base comunitária/local, são um alerta e uma resposta lacônica, porém direta e convincente, às carências, dilemas, desafetos e desafios enfrentados localmente pelos agentes culturais e a população local. Problemas esses que são gestados endógena e exogenamente.

A primeira formação musical de banda e canto coral do país o Teatro Rural do Estudante em Campo Grande; o Cinema Negro; o vanguardista e premiado de Waldir Onofre; o profissionalismo e ativismo no Teatro Amador de André Villon; uma galeria a céu aberto de obras paisagísticas e murais no Sítio Roberto Burle Marx; a beleza arquitetônica da Capela Magdalena e a musicalidade do seu maestro, Roberto de Regina; os projetos artísticos e culturais do mecenas e professor Moacyr Bastos; a infância na obra de Mauro (Zezé) Vasconcelos do Meu Pé de Laranja Lima; a instigante Fazenda do Viegas; a centralidade da

[15] O contato intenso e contínuo com os agentes culturais populares da Zona Oeste durante a pesquisa de doutorado (CARDOSO, 2015), mais o conhecimento prévio das percepções, estereótipos e rótulos reproduzidos pelos moradores locais, foram imprescindíveis para construir um argumento sem cair no subjetivismo, tampouco num olhar que jaz contaminado pela paranoia das discussões nos meios acadêmico, intelectual e governamental acerca do papel da memória, do patrimônio, da identidade, do pertencimento e outros, nas sociedades contemporâneas.

[16] Em todo o mundo, há exemplos abundantes de lugares onde museus, iniciativas expográficas e museais itinerantes, movimentos de luta pelo patrimônio cultural e natural e o empoderamento de comunidades tradicionais, orientou o desenvolvimento de localidades, ressignificando e potencializando o patrimônio e o imaginário dos agentes locais e envolvidos.

Igreja Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande; as residências de Hermeto Pascoal, Aurélio de Simoni, Neusa Borges, Elza Soares, Conde Belamorte e Robertinho Silva; a gastronomia da Pedra de Guaratiba; os tantos patrimônios tombados e reconhecidos desde a era jesuíta até o fim do Império; o maravilhoso Museu Aeroespacial; o quilombo do Camorim; os desfiles da Fábrica Bangu ditando a moda nacional; o patrimônio paisagístico do Grumari, a sede social do Bangu Atlético Clube, o berço da Mocidade e de tantos talentos do samba.

Muitas opções de desenvolvimento cultural, fruição estética e entretenimento numa região que não recebe investimento nessa direção, e muito menos os consegue articular numa imagem comum que conscientize e sensibilize os atores estratégicos para fazer (re)nascer os movimentos culturais em cada bairro da Zona Oeste carioca.

O robusto e ofegante parágrafo anterior deveria dar conta da importância cultural e artística e desta região, sem falar na sua potência contemporânea (inúmeros exemplos, melhor não citar) ou em pleno florescimento. Onde há gente, há arte, cultura e talentos, nenhuma nova constatação vem deste fato. Trata-se de uma da constelação de iniciativas locais na Zona Oeste carioca que, de forma lenta, mas constante, vem tirando uma parcela importante dos agentes culturais locais do ostracismo, do individualismo desmobilizador e da visão dependência em relação ao Poder público.

Em termos geográficos, Doreen Massey (2000) é uma autora que nos faz pensar, sob um prisma dialético e progressista, nos sentidos globais de lugar que há de se experimentar e fomentar na contemporaneidade, evitando assim os nostalgismos e outros tipos de reacionarismo cultural atualmente vistos, aos quais reduzem a capacidade do lugar de ser um espaço de encontro, de expressão de uma identidade geográfica e, o mais instigante, de promoção da alteridade.

Geograficamente falando, a museologia é um ramo estratégico, um segmento criativo crucial para o desenvolvimento local e comunitário, pois se ampara na cultura material e nas *expertises* locais. Mesmo quando a temática e ambiência do museu e/ou do projeto museológico não diz respeito à história do lugar e sua gente. Assim sendo, a temática e ambiência podem não ser a do entorno vivido, mas as práticas museais têm que estar em sintonia com a realidade e o cotidiano do lugar, se quiser ter a aprovação dos moradores, simpatizantes e críticos; e o museu tem que garantir o seu "espaço" nas cartilhas, vídeos promocionais e outros materiais de divulgação do lugar se o objetivo é manter sua atratividade e fonte de receita, uma fórmula indispensável para qualquer museu

contemporâneo que busque um patamar aceitável e digno de sustentabilidade cultural e institucional.

Referências Bibliográficas

BARON, L. A. territorialização das políticas públicas de cultura no Rio de Janeiro. Revista Z. Cultural. 2015. Disponível em: <https://goo.gl/82SnCB>. Acesso em: 05 dez. 2017.

BERQUE, A. Geogramas, por uma ontologia dos fatos geográficos. Geograficidade. v. 2. n. 1. 2012. Disponível em: <https://goo.gl/8QuZuP>. Acesso em: 12 set. 2017.

CARDOSO, D. S. Angústia, bucolismo e outras expectativas latentes: uma análise e relato pessoal das paisagens vernaculares de um sertão remanescente na metrópole carioca. I Workshop Arte e Ciência: reflexão integrada na paisagem. Rio de Janeiro. 2017. Disponível em: <https://goo.gl/fxNkRB>. Acesso em: 13 mai. 2018.

_____. Arquipélago Sociomuseológico Regional: notas sobre a emergência de um circuito de cultura e memória na periferia carioca (RJ). Programa de Pós-Graduação em Geografia (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro. 2015. Disponível em: <https://goo.gl/i7iNfF>. Acesso em: 30 jan. 2016.

COELHO, T. Usos da cultura. Políticas de ação cultural. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986.

CORRÊA, A. M. O Sertão Carioca. Rio de Janeiro: Imprensa Editorial, 1936.

ECKERT, C. As variações "paisageiras" na cidade e os jogos da memória. Revista Iluminuras. v. 8. n. 20. Porto Alegre. 2008. Disponível em: <https://goo.gl/5BbVap>. Acesso em: 1 nov. 2011.

FRANCO, J. L. A.; DRUMMOND, J. A. Armando Magalhães Corrêa: gente e natureza de um sertão quase metropolitano. Revista História, Ciências, Saúde. Manguinhos, v.12, n.3, set/dez 2005. Disponível em: <https://goo.gl/nADuX2>. Acesso em: 9 jun. 2017.

LEFEBVRE, H. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2011.

MASSEY, D. Um sentido global de lugar. In: Arantes, Antonio. (org.). O espaço da diferença. Campinas: Papirus, 2000. p. 174-185.

MOLLENKOPF, J.; CASTELLS, M. Dual city. Nova York: The Russel Foundation. 1991.

POLLICE, F. O papel da identidade territorial nos processos de desenvolvimento local. Espaço & Cultura. n. 27. p. 7-23. 2010. Disponível em: <https://goo.gl/mnHwvV>. Acesso em: 2 nov. 2015.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, M. O.; VERSIANI, M. H. História de Capitalidade do Rio de Janeiro. Cadernos do Desenvolvimento Fluminense. n. 7. jan/jun. 2015. Disponível em:<https://goo.gl/TBZduF>. Acesso em: 13 set. 2017.

TUAN, Y. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.